

NA EMERGÊNCIA POR ACOLHIMENTO E ALEGRIA, A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS PARA O ESPERANÇAR

Andrea Helena Petry Rahmeier¹

Machado, Viviane de Oliveira²

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (Freire, 1996, p. 29).

Durante o mês de maio de 2024, o Rio Grande do Sul viveu a maior catástrofe climática da sua história. Entre 26 de abril e 2 de maio choveu entre 500 e 700 mm, o que corresponde a um terço da média histórica para um ano. Como se não bastasse, entre os dias 11 e 13 de maio houve um novo acúmulo de chuvas, aumentando novamente o nível das águas, fazendo com que os rios da Bacia do Guaíba tivessem atingido seu segundo maior volume em 15 dias. Em São Leopoldo, o Rio dos Sinos, um dos afluentes do Guaíba, atingiu sua maior marca, passando de 8,21 metros no início do mês. A cidade e o estado já tinham passado por enchentes consideráveis, que estão presentes na memória popular, como a do fatídico ano de 1941. Todavia, nos anos de 1980 foi iniciada a construção de um dique para que as águas não repetissem o estrago daquele ano histórico. Teoricamente, este dique suportaria a vazão da água até 8 metros, mas infelizmente, a quantidade de água foi maior do que a projetada para que este tipo de barreira pudesse suportar.

Este texto não tem como objetivo apresentar a situação trágica vivida no Estado do Rio Grande do Sul e, em específico, na cidade de São Leopoldo, muitos contarão essa triste história por longos anos. Nós queremos relatar uma das muitas experiências felizes e solidárias que foram construídas por diversas mãos, durante esta tragédia, com vistas a tentar minimizar o sofrimento e o impacto sobre as crianças e adolescentes, dentro daquilo que a Educação poderia oferecer naquele momento: acolhimento, carinho, alegria e ensino.

A experiência que contaremos desloca os holofotes da tragédia para além da dor, do sofrimento e do medo, focalizando a solidariedade como algo que, assim como os níveis elevados das águas da enchente, deixou marcas evidentes na sociedade gaúcha. Proporcionalmente ao tamanho da

1 Professora da rede municipal e em 2024 vinculadas a SMED/SL.

2 Professora da rede municipal e em 2024 vinculadas a SMED/SL.

tragédia, a solidariedade foi intensa, marcante e decisiva para todos os cidadãos que foram afetados em alguma medida, principalmente as crianças e adolescentes. Alguns doaram mantimentos, roupas, calçados e outras necessidades materiais, outros doaram a si próprios, doaram amor, carinho, atenção e afeto. Todas essas doações foram muito bem-vindas e necessárias.

O CEVEN - Centro de Eventos do Município de São Leopoldo se transformou em um dos maiores abrigos da região, chegando a abrigar cerca de 2200 pessoas de todas as idades, entre elas muitas crianças e adolescentes. Neste contexto, o presente texto vem relatar a experiência desenvolvida a partir da necessidade observada naquele momento, de oportunizar um espaço que pudesse oferecer, além de acolhimento e atenção, ações pedagógicas emergenciais, para minimizar o trauma sofrido por aquelas crianças e adolescentes. Então, desde o domingo, dia 5 de maio de 2024, criou-se um espaço para tentar proporcionar-lhes um pouco de alegria e um acompanhamento pedagógico nas ações de acolhimento. O espaço foi organizado inicialmente por três professoras vinculadas ao Setor Pedagógico da SMED - São Leopoldo, que estavam fazendo ações de voluntariado no espaço. Uma delas permaneceu na coordenação deste espaço até o seu fechamento.

O espaço disponível para as atividades era o saguão de entrada do abrigo, que era diariamente higienizado, montado no início da manhã e desmontado ao final do dia, pois, durante a noite, algumas pessoas usavam este mesmo espaço para dormir. O espaço foi sendo construído com os poucos recursos disponíveis de imediato, contando apenas com 3 mesas redondas, um tapete, livros e alguns brinquedos que chegavam nas doações. Aos poucos, com a melhoria da mobilidade na cidade, alguns recursos da prefeitura municipal e muitas doações, o espaço foi sendo ampliado e qualificado.



Diariamente, após as crianças terem recebido o café da manhã, o espaço era aberto para que pudessem brincar e ressignificar aquele momento tão trágico. Inicialmente, as atividades começavam por volta das 9 horas e se estendiam até as 18 horas. Naquele primeiro momento, não se tinha ideia de como se daria o trabalho pedagógico desenvolvido no espaço, desejávamos apenas poder amenizar o trauma sofrido por aquelas crianças e adolescentes abrigados. Todavia, durante o percurso fomos construindo uma proposta centrada no acolhimento, na alegria e no respeito às individualidades. O planejamento passou a ser feito para cada turno, pois dependia da disponibilidade dos voluntários, principalmente, nas três primeiras semanas. Nossa proposta estava centrada nas necessidades das crianças e condicionada pela disponibilidade de voluntários e das possibilidades que o próprio espaço oferecia para o desenvolvimento das atividades.

Após análise desse contexto, no qual percebeu-se que o voluntariado era bastante rotativo e havia poucos espaços disponíveis para a realização das atividades pedagógicas, optamos por atender todas as crianças e adolescentes juntos, possibilitando que pudessem brincar e interagir entre si, sem distinção de faixa etária e sem limitação do número de participantes. Com isso, buscamos proporcionar um espaço de acolhida e alegria, agindo com muito cuidado e procurando compreender os momentos em que se mostravam mais sensibilizados, oferecendo uma atenção especial nessas situações.

Sendo assim, optou-se por não abordar diretamente o contexto dos acontecimentos, mas focar na alegria, na esperança, oferecendo um ambiente acolhedor e afetivo, mesmo que em alguns momentos, pudesse parecer, a quem olhasse de fora, que havia uma enorme desordem. As crianças tinham a liberdade de chegar e sair quando desejassem. Os pais poderiam observar, pois era um espaço aberto. A principal regra, para quem queria voluntariar-se ali, era demonstrar afetividade no trato com as crianças de forma constante e tentar evitar os conflitos entre elas, buscando ser um porto seguro às crianças e adolescentes, tanto que, em muitos casos, as professoras e voluntárias(os) se tornaram referência de autoridade e carinho.

A proposta era oportunizar a vivência em uma rotina de brincar, de alegrar-se e de ser feliz. O local foi pensado para proporcionar alegria, por isso, contava com estímulos positivos e alegres, voltado para uma expressão cultural multicentrada. Além disso, as pessoas que ali atuavam pretendiam ser uma referência de acolhimento e afetividade, de modo que, sempre que uma criança ou adolescente se mostrasse mais entristecido, nervoso ou mesmo agressivo, recebia ali um abraço, um olhar, um carinho ou uma palavra de conforto. Em função de todo o contexto em que se encontravam,

agravado pelo trauma vivido pela enchente, muitos demonstraram uma grande necessidade de afeto para se acalmarem. O abraço foi uma forma de acalmar o coração destas crianças e adolescentes. Em diversos momentos, alguns adultos vieram demonstrar esta mesma necessidade.

A comunidade abrigada passou a chamar o espaço, carinhosamente, de *Escolinha*, como referência a uma memória da vida normal e também porque, aos poucos, o espaço foi se assemelhando à escola, em alguns aspectos. O espaço acolheu crianças de todas as idades, sendo que para os bebês e crianças de até 3 anos, foi organizado um espaço no tapete de grama sintética, no qual os pais ou um responsável eram solicitados a permanecer brincando junto com seus bebês. Para as crianças maiores, havia mesinhas para desenhar, pintar, brincar de massinha de modelar, além de jogos e brinquedos diversos, que chegavam por meio de doações diversas e diárias. No espaço externo, eram realizadas atividades com bola, corda, giz para desenhar no chão. A cada dia, as atividades iam sendo ampliadas e diversificadas.

Neste período, alguns abrigados foram se tornando grandes parceiros, como seu Edson, um senhor que todos os dias era o primeiro a ajudar na organização de tudo e foi incansável. As crianças também gostavam de ajudar na organização e sempre tivemos alguém como *ajudante*. Dois adolescentes, em especial, foram excelentes lideranças nas atividades recreativas com bola e corda. A cada dia que passava, as crianças se organizavam de forma mais orgânica.

No dia 8 de maio, no turno da tarde, foi proporcionado o “Dia da Alegria”, momento em que um grupo de super-heróis foi alegrar as crianças. Além de muita magia e diversão, trouxeram presentes para todos(as), inclusive para aquelas que estavam dormindo ou doentes, para as quais a entrega foi dentro do ginásio. Este momento encantador alegrou não só a criançada, mas também os seus pais, que puderam, por algum tempo, lembrar a infância e esquecer um pouco suas dores.

Buscando sempre tornar o espaço mais acolhedor e criar memórias afetivas do abrigo, foram sendo planejadas atividades lúdicas e diferentes. No dia 10 de maio, tivemos uma apresentação musical para as crianças do grupo Aquarela Fredi e Ally, que foi lindo, com músicas que muitos conheciam, levando um fio de esperança naquele momento tão triste. Naquele dia, tivemos mais de 100 crianças no espaço e tantas outras com seus pais ao redor.



O número de pessoas abrigadas foi diminuindo com o passar dos dias, já que algumas retornavam para suas casas ou de familiares e outras iam sendo redirecionadas para outros abrigos, já que a superlotação no Centro de Eventos trazia algumas dificuldades na convivência dos abrigados e no atendimento às suas necessidades. Com isso, estima-se que a partir de 10 de maio, o espaço tinha, em média, 1000 pessoas abrigadas.

A partir da segunda semana de maio, as chuvas recomeçaram, desta vez, com uma queda acentuada nas temperaturas e percebemos que o espaço no hall de entrada já não era apropriado. Então, começamos a planejar e articular a ocupação de uma nova área um pouco mais fechada, que pudesse proteger melhor do frio e da chuva. Sendo assim, foi solicitado que algumas famílias liberassem o espaço de entrada no interior do Centro de Eventos para que a *Escolinha* pudesse ser instalada ali. Tínhamos muitos planos, mas muitos deles foram substituídos pelo contexto de nova onda de chuvas, que criou instabilidade, novo aumento do nível do rio e desânimo geral. No dia 13 de maio, instalamos a *Escolinha* neste novo local, mais protegido, já dentro do ginásio do CEVEN. Continuamos com a mesma rotina, higienizar pela manhã, montar todo o espaço e então proporcionar algumas atividades para as crianças, criando uma rotina diferenciada e ao final do dia, desmontar o espaço.



Não havia perspectivas de desmobilização do abrigo e a situação parecia que iria perdurar por muitos dias ainda. Sendo assim, naquele momento foi necessário organizar a *Escolinha* de forma mais sistemática. Entre as necessidades de uma nova organização, estavam a diminuição de voluntários pelo cansaço e a chegada do frio, que fazia com que as pessoas ficassem mais tempo deitadas e aquecidas nas cobertas, o que impactava no início das atividades, já que *Escolinha* passou a dividir o espaço com os colchões. Por estar dentro do ginásio, próximo ao local onde eram servidas as refeições, também havia a necessidade de aguardar que o café fosse servido, evitando que as pessoas usassem as mesas da *Escolinha* para alimentação, devido às dificuldades para higienizar o espaço depois disso, o que retardaria ainda mais o início das atividades. Então, o atendimento passou a ocorrer das 9h30 até as 11h45 e das 13h30 às 16 horas.

O novo espaço, por ser um pouco mais reservado, possibilitou a contação de histórias e atividades dirigidas, como a confecção de dobradura do gato. Como contávamos com muitas doações de brinquedos, as crianças que participassem dessa atividade, recebiam um presente. Foram mais de 100 crianças que fizeram a dobradura e receberam presentes, resultando num lindo mural com todas as dobraduras.

Entre os dias 14 e 15 de maio, percebeu-se a necessidade de realizar um mapeamento das crianças e adolescentes atendidas no espaço, identificando mais informações sobre sua vida escolar. A professora da rede e assessora escolar da SMED, que atuava na *Escolinha* conversou com cada criança que já estava participando em algum momento no espaço e também foi no local destinado às famílias para recolher os dados completos.



Estima-se que, naquele momento, havia cerca de 700 pessoas abrigadas, sendo mapeadas 190 crianças e adolescentes, todavia este número pode ter sido maior, já que havia grande circulação das famílias e algumas poderiam não estar presentes nos momentos de abordagem. Apesar de estarmos então em um espaço mais abrigado, ainda não era o adequado para o atendimento daquela quantidade expressiva de crianças e adolescentes. Sabíamos que aquele abrigo tinha sido o primeiro a abrir e seria o último a fechar, já que já haviam se passado 10 dias e não havia ainda nenhuma previsão das pessoas poderem retornar para suas casas, já que o nível do rio não tinha baixado. Além disso, passados 10 dias com o processo diário de higienização, organização, montagem e desmontagem do espaço, as professoras e demais voluntários ali davam sinais de extremo cansaço.



Ed. Infantil	46
Bloco Pedagógico	58
Anos Iniciais - 4º e 5º	22
Anos Finais - 6º a 9º	43
EJA	07
Ens. Médio	13
Escola Especial	01
	190

Tabela 1 - dados coletados

Com isso, foi solicitado o uso das salas de aula utilizadas pelo IFSUL, que estavam desativadas e ficavam no andar superior do CEVEN. Depois de muitas tratativas, ficamos responsáveis pelo espaço e assim transferiu-se o atendimento da *Escolinha* da entrada do Centro de Eventos para duas salas no espaço do IFSUL. Com esse novo espaço, mais organizado e no qual não havia mais a necessidade de montagem e desmontagem diária, a proposta foi reorganizada, de modo que o atendimento passou a levar em consideração atividades diferenciadas conforme a faixa etária. A sala maior foi destinada ao atendimento das crianças até 10 anos e outra sala um pouco menor, voltada para o atendimento às crianças e adolescentes com mais de 10 anos. As salas foram arrumadas e organizadas com muito carinho na manhã do dia 15 de maio e, já naquela tarde, a *Escolinha* passou a funcionar efetivamente naquele local.

As crianças ansiavam por assistir algum desenho animado ou filme, pois ninguém tinha acesso à televisão desde que haviam chegado no abrigo. Alguns tentavam disponibilizar esse tipo de entretenimento aos seus filhos pelos smartphones, mas a rede de internet era instável e não suportava tamanha quantidade de acessos. Então, tendo em vista que a sala maior possuía uma tela interativa, conseguimos solicitar suporte para fazê-la funcionar com acesso à internet, tornando possível a realização de uma sessão de cinema. Na tarde do dia 16 de maio, as crianças olharam o primeiro filme e até puderam votar em qual gostariam de assistir. Com o passar dos dias, a reprodução de desenhos animados foi inserida na rotina, mas sem uma organização sistemática, porém, percebeu-se que o interesse das crianças diminuiu gradativamente e a maioria preferia ficar brincando. Acreditamos que, na verdade, estavam apenas com saudade de ter acesso a este recurso.

Naquele período, a contação de histórias passou a fazer parte da rotina e conseguimos realizar mais atividades dirigidas para todos na sala dos pequenos, além de uma oficina de taekwondo, oferecida voluntariamente.

Com o término das chuvas e o retorno gradual à normalidade, muitos voluntários vinculados à SMED tiveram que retornar às suas funções, para que fosse possível a retomada das aulas nas escolas municipais de São Leopoldo. Nesse novo contexto, outros profissionais da educação passaram a auxiliar na escolinha, já que a mobilidade dentro da cidade e entre os municípios próximos se tornava viável. Sendo assim, foram sendo desenvolvidas oficinas, conforme a disponibilidade das pessoas e materiais, como oficina de confecção de pulseiras para os adolescentes, taekwondo, arteterapia e ginástica.

O final de semana de 25 e 26 de maio foi o primeiro que não teve atividade na *Escolinha*, desde a abertura do espaço. Naquele momento, entendeu-se que havia uma rotina de atividades montadas durante a semana e o grupo de profissionais voluntários também precisava descansar e retomar uma rotina de vida.

Quando as águas começaram a baixar, por volta da quarta semana de existência do abrigo, houve uma mistura de sentimentos e sensações: centenas de pessoas ainda não conseguiam acesso às suas casas; diversos tiveram acesso a suas casas e descobriram que não tinham mais nada; outros já puderam retornar às suas casas ou a de familiares; outros estavam chegando, pois alguns abrigos estavam fechando e era necessário retomar as atividades das escolas e da cidade como um todo. Então, os ânimos das pessoas abrigadas refletiam o desânimo e o cansaço deste ritmo. Naquela semana, a escolinha funcionou, mas não com tantas oficinas, mesmo com redução de pessoal, mantivemos as atividades da escolinha nos horários já estipulados.

No mês de junho, que foi nossa quinta, sexta e sétima semana de vivência no abrigo, a cidade começou um processo de retomada de algumas rotinas e atividades, e a escolinha precisou fazer novos ajustes. Com a mobilidade na cidade normalizada, trabalhadores que atuavam como monitores no Programa Mais Educa São Léo passaram a atuar na *Escolinha*, desenvolvendo ali as oficinas que realizavam nas escolas atingidas, cujos estudantes estavam muito ali abrigados. Ao final da semana, criamos uma belíssima organização de oficinas e atividades que foram executadas na sequência dos dias. Todos os dias havia oficinas entre as atividades, havia pilates, dança, taekwondo, música, rugby.

Com o passar dos dias, a cidade finalmente foi retomando a vida normal. Várias escolas foram reabertas, de modo que muitos dos voluntá-

rios que atuavam em escolas precisaram retomar suas funções. Então no dia 19 de junho, depois de quase 7 semanas de intensos momentos de acolhimento, alegria e esperança, encerramos nossa participação no espaço, passamos o material para os responsáveis pela SAS e grupo Athos para seguirem com as atividades, pois havia no espaço ainda em torno de 35 crianças.